

JORNAL/ CIDADE: Mensageiros do Coração de Jesus/ São Paulo

DATA: maio/1997

PÁG.: 36/37

TÍTULO: Ver pelas costas

VER PELAS COSTAS

Onde estão nossas falhas, fraquezas, erros e enganos?

Estampados em nosso rosto? Marcados em nossas mãos? Expressos em nosso olhar? Talvez, mas a experiência humana parece indicar que nossos defeitos vão sendo escritos em nossas costas, numa clara e límpida linguagem.

A primeira evidência dessa geografia corpórea dos defeitos está em nossa capacidade de ver os defeitos dos outros, pelas costas. Lá onde eles nada enxergam ou admitem. É incrível como a gente vê bem os defeitos e fraquezas dos outros. É como se eles andassem com uma tabuleta de defeitos pendurada nas costas. Frente a frente, apenas sorrisos ou passividade. Mas, logo após a passagem do outro, já estamos prontos para ler com atenção e comentar com um certo prazer a lista de seus defeitos. É usual fazê-lo para nós mesmos ou, melhor ainda, para os outros.

A segunda evidência dessa mesma geografia do corpo está no fato de que não

conseguimos enxergar nossos defeitos. Não há retrovisor, nem espelho, por mais bem colocado e claro que esteja, que possa dar jeito nessa dificuldade. Na linha da autocritica, existe aquele ditado popular que recomenda olhar-se no espelho. O problema é que a lista dos defeitos está dependurada atrás, nas



costas. Olhar-se de frente no espelho, para muitos, é uma simples confirmação de sua genialidade, bondade e, por que não, de sua pureza.

Às vezes a lista carregada nas costas começa a ficar muito grande. Seu peso abaixa os ombros da pessoa, provoca dores nas costas, arqueia o corpo para a frente, induz a uma escoliose, problemas na coluna etc. É um problema de postura, dizem os especialistas. Nisso eles têm toda a razão. Mas como postar-se diante da vida e dos outros? Quando os defeitos são ou podem ser desfeitos?

Quase sempre da mesma maneira: numa conversa amiga e franca — pode ser curta — em que somos capazes de dar a nós mesmos (confissão) ou aos outros a possibilidade de nos criticarem. Ser capaz não somente de ouvir, mas de escutar os outros e ser escutado por eles. É quando saímos do eu para o tu e do tu para o nós. É quando verdadeiramente dialogamos e nos reconciliamos. Não estamos conversando para relatar nossos feitos. Estamos dialogando para conhecer nossos defeitos. Nesses diálogos abrimos nossos olhos. Além de olhar, começamos a ver. Vemos que havíamos feito isso e aquilo. Feito isso = feitiço. Vamos desfazendo, com a ajuda alheia, todos os feitiços paralisantes. Resgata-se o passado. Vê-se pelas costas.

Feito isso, ao ver-se pelas costas, começa-se a andar, a agir e a ver melhor pela frente. Não depende somente de nós, mas começa pela nossa capacidade e vontade de ouvir e ver o Outro no Outrem.

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA

PROFESSOR DA USP E PESQUISADOR DO NÚCLEO DE MONITORAMENTO AMBIENTAL DA EMBRAPA, É AUTOR DO LIVRO *ÁGUA, SOPRO E LUZ* — ALQUIMIA DO BATISMO, EDIÇÕES LOYOLA.